

TEORIA DO ROMANCE MODERNO EM A *INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER* DE MILAN KUNDERA

Adilson Vagner de Oliveira⁹
(IFMT *Campus* Juína)

Resumo: Este trabalho analisa as características do romance moderno segundo as reflexões dos teóricos: Mikhail Bakhtin, Georg Lukács e Milan Kundera através de uma perspectiva histórica que se estende à obra *A insustentável leveza do ser* de 1982, escrita pelo escritor tcheco Kundera. Através de uma estrutura particular as teorias do romance se encontram com o próprio romance, num diálogo vívido e inesperado com outras artes, assim, a condição humana e as incertezas das relações se fundem em questionamentos que fervem a consciência do leitor numa busca pela compreensão do próprio ser e de sua complexidade. O estudo interpretativo se estabelece por meio de uma visão panorâmica sobre a escrita literária romanesca dessa obra com o objetivo de demonstrar os reflexos da dinâmica da realidade na ficção.

Palavras-chave: Romance Moderno; Milan Kundera; Escrita literária; Ficção

Abstract: This paper analyzes the characteristics of the modern novel according to the theoretical reflections: Mikhail Bakhtin, Georg Lukács and Milan Kundera through a historical perspective that extends to the book *The Unbearable Lightness of Being*, 1982, written by the Czech writer Milan Kundera. Through a particular structure of the novel the theories meet the own novel, in a vivid and unexpected dialogue with other arts, this way, the human condition and the uncertainty of relations merge into questions that boil the consciousness of the reader on a search for understanding the own being and its complexity. The interpretive study is established through an overview of the literary writing of this novel, with the goal of demonstrating the reflections of the dynamics of reality in fiction.

Key words: Modern Novel; Milan Kundera; Literary Writing; Fiction

Introdução

As formas romanescas modernas surgem num contexto de transição sobre a posição do homem no mundo. O Renascimento do século XVI traz à sociedade, novas perspectivas de se perceber a humanidade e seus alcances. Miguel de Cervantes é considerado o precursor deste gênero e portanto, dá início ao dualismo realidade- ficção na era moderna na escrita do romance como gênero literário. A percepção de uma existência imperfeita, por meio de dramas individuais que se coletivizam nas obras, as expressões artísticas tomam novas formas com o objetivo de retratar o caráter incompleto do ser humano.

⁹ Professor do IFMT Campus Juína. Especialista em Ensino de Português e Literatura e Mestre em Estudos Literários e Doutorando em Ciência Política (UFPE) adilson.oliveira@jna.ifmt.edu.br



Assim, estabeleceu-se a gênese desse gênero literário plural e complexo para os modelos clássicos de produção. E para que se tenha uma perspectiva histórica da formação desse tipo de narrativa na modernidade, realiza-se uma descrição sistemática e panorâmica que privilegia inicialmente o papel da arte nos processos de representação e interpretação da sociedade, seu caráter social de refletir a condição humana e seu espaço. Nessa tentativa de atender às necessidades do mundo moderno o romance desponta como uma escrita literária com amplitude e grande capacidade de atualização às novas configurações da sociedade.

E como base teórica para este panorama sobre o romance moderno e suas caracterizações, tem-se a colaboração de Mikhail Bakhtin em sua fundamentação descritiva sobre as mudanças que a epopeia sofreu ao longo do tempo até se configurar como o romance e com os conceitos de Georg Lukács, numa perspectiva sociológica da literatura com os mesmo objetivos. Milan Kundera, além de ser romancista, elabora também uma teorização sobre a composição do romance moderno, dando maior ênfase à reflexão feita sobre a condição do homem na sociedade atual, as relações humanas e seus trajetos imprevisíveis.

Através de um estudo analítico sobre sua obra de ficção *A insustentável leveza do ser* de maior expressão artística segundo a crítica literária. A qualidade da obra se avalia por inúmeros elementos poéticos que evidenciam exemplarmente as teorias do romance moderno, além, de fornecer um enredo de excelente qualidade, o aspecto narrativo surpreende ainda mais, por permitir ao narrador utilizar-se da voz do autor em muitos pontos de reflexão filosófica e política, o que faz da narrativa um berço de questionamentos existencialistas de enorme impacto sobre o leitor.

O Papel da Arte na Composição do Romance

Ao se iniciar uma reflexão sobre as novas configurações em que o romance moderno adquiriu ao longo de sua história, é válido discutir *a priori* sobre o papel ou as funções desta arte na sociedade. Fisher (1983) nos incita a questionar o porquê somente a nossa existência não nos é suficiente no cotidiano, o porquê nos sentimos necessitados de completá-la com outras formas de expressão. Possíveis respostas são demonstradas pelos



artistas por suas próprias produções que apresentam inquietudes sobre o caráter de plenitude do ser, o que faz o homem buscar intuitivamente a experiência do outro por meio de perspectivas coletivas de reflexão e representações artísticas deste sentimento, no ideal de sentir-se mais completo.

Como é pontuado por Fisher (1983, p.13) “a arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo como o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias”, assim, este princípio de comunicação se constrói através desta constante busca de si mesmo na vivência do outro. Esta capacidade de dizer algo por meios implícitos pode não ser a principal função da arte em nossas vidas, talvez não seja possível demonstrá-la pela objetividade científica, porém, a necessidade de transposição de uma realidade aparente para uma realidade ficcional sempre se mostrou como um imperativo que manipula a subjetividade e o mundo das experiências convertendo-os em processos de criação ilimitáveis que sustentam as atividades artísticas de forma a conduzir a individualidade do ser a uma arena coletiva em que a reflexão sobre o real atinja a outros. E assim, o que era experiência individual passa a ser uma realidade universal que preenche esta necessidade do irreal subjetivo ficcional.

Fisher (1983, p.17) ainda destaca que a “toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular”. O artista possui total ciência desta capacidade e manipula a realidade através de interpretações profundas que permanecem vívidas ao longo da história das mais diferentes sociedades. As produções se atualizam a cada época, dialogando com as novas configurações da realidade aparente, num jogo subjetivo do que é e do que poderia ser, levando seus apreciadores a questionamentos existenciais sobre a inconstância do homem enquanto indivíduo flutuante numa coletividade pragmática que nutre o movimento fluxional do todo. Este universo mágico que a arte sustenta não precisa ser tocado pela razão ou muito menos ser avaliado pelo mundo da ciência, visto que a irrealidade dos fenômenos e os sentimentos transpassam a



sociedade sem ocupar espaços concretos, os quais o idealismo cultua, apenas incitando a ação e a liberdade.

Só a arte pode fazer estas coisas. A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. A arte, ela própria, é uma realidade social. (FISHER, 1983, p.57)

Assim, a arte adquire funções num mundo que não se satisfaz com a simples contemplação do objeto. As novas realidades sociais primam por utilidades em todas as formas de expressão e comunicação, por ter sido corroída pelo pragmatismo histórico da humanidade. Contudo, Blanchot (1987, p.213) descreve que “a arte se mede com a ação, a ação imediata e premente, não pode deixar de considerá-la destituída de razão”, por estar a serviço do homem na insaciável satisfação de suas necessidades enquanto meio de explicitar sua própria existência, o que lhe atribui uma razão de ser no mundo. Essas novas exigências da modernidade elaboram valores e aplicações também às atividades artísticas num ideal de fazer o homem perceber sua própria condição, os heróis estão em crise, portanto, a obra pode ou deve ser uma reflexão deste momento.

Como finaliza Fisher (1983, p.58), “numa sociedade em decadência, a arte, para ser verdadeira, precisa refletir também a decadência”, a função social da arte se fortalece cada vez mais, num cenário de conflitos e incompreensões em que o princípio da ação se cristaliza na força da obra.

O Panorama do Romance Moderno

Nesse contexto, o romance moderno enquanto gênero literário vem cumprindo diferentes papéis ao longo de sua evolução estrutural e funcional. O caráter artístico de sua produção atingiu o fervor de mudanças, inicialmente no século XVII pelas mãos de Miguel de Cervantes em *Dom Quixote de la Mancha* que surge como paródia crítica das novelas de cavalaria: as narrativas correntes da época. Nesses romances medievais predominavam-se os grandes atos heroicos que acabavam por glorificar os próprios heróis como aponta Bakhtin (2010, p.269), o que lhe aproximava muito das aventuras épicas, ou seja, o



princípio poético das epopeias ainda se estabelecia com muita força antes da obra espanhola, nestas produções, o herói nunca é um indivíduo, normalmente trata-se apenas de uma representação de uma comunidade, uma nação. As produções narrativas típicas do período clássico atingiram novas configurações, porém, as características épicas se perpetuaram até a renascença.

Com a obra *Dom Quixote* deixou-se de ver o homem em sua integridade, até então presente nos heróis clássicos da epopeia, a complexidade do homem passa a ser o pano de fundo de todas as aventuras do protagonista. Nessa perspectiva, o personagem não compreende o mundo no seu cotidiano, o indivíduo deixa de simbolizar a nação e passa a refletir as incompreensões do homem em sua individualidade. Um enorme marco para as narrativas, em especial, o romance que se moderniza neste contexto em mudança, evoluindo dinamicamente até se chegar aos modelos contemporâneos.

Bakhtin (2010, p.400) descreve que “o romance introduz uma problemática, um inacabamento semântico específico e o contato vivo com o inacabado, com a sua época que está se fazendo”, e estas mudanças não se fecham apenas em questões estruturais, suscitando questionamentos profundos sobre a realidade aparente. Ou seja, as reflexões sobre o paralelo indivíduo e realidade são os pontos primordiais dessas mudanças. O personagem do romance não mais apresenta uma qualidade heroica como existia na epopeia, a formação é processual por meio de uma constante busca de experiências e aprendizado. Nesta perspectiva, Kundera (1988, p.10) acrescenta que o “romance descobriu, à sua própria maneira, por sua própria lógica, os diferentes aspectos da existência”, assim, a interpretação da realidade se dá por este caráter de incompletude que não permite atribuir ao protagonista da obra o heroísmo absoluto do passado literário. As incertezas da realidade exterior são os nutrientes dessa nova narrativa que se forma à luz de outros gêneros.

Compreender com Cervantes o mundo com ambiguidade, ter que afrontar, ao invés de uma só verdade absoluta, um monte de verdades relativas que se contradizem, [...] possuir portanto, como única certeza a sabedoria da incerteza exige uma força não menos grande. (KUNDERA, 1988, p.12)



Essa ruptura aos modelos épicos fechados sinalizou um novo momento na produção literária ocidental, o romance reorganizou sua evolução estrutural e até mesmo ideológica, devido à forma artística de discutir a condição desse homem em condições instáveis em constante formação. Watt (2010, p. 16) reforça que a partir desta conjuntura o “enredo envolveria pessoas específicas em circunstâncias específicas, e não, como fora usual no passado, tipos genéricos atuando num cenário basicamente determinado pela convenção literária adequada”, sob esta ótica, a atividade artística se liberta de certas amarras metódicas que aprisionavam o espírito criador dos indivíduos que se puseram a interpretar a realidade inconclusa do ser humano e todas as suas adversidades sentimentais.

E ao longo dessa história literária, as novas formas de se perceber o homem em sua individualidade e universalidade, antagonismos pertinentes aos cenários de produções modernas, se converteram em reflexões psicológicas de introspecção e crises existencialistas. E para representar todas estas formas de pensamentos, o romance passa a se comunicar constantemente, não somente, com outros gêneros literários mas também com outras expressões de arte.

Aos termos de Kundera (1988, p.42) “o romance não examina a realidade, mas sim a existência. A existência não é o que acontece, a existência é o campo das possibilidades humanas [...]”, o que significa dizer que a complexidade das situações comuns ao enredo está além da história, está no alcance em que o possível pode chegar, a racionalidade questiona e investiga as ações em sua essência metafísica. E baseado em suas produções romanescas, e em especial em sua brilhante e intensa narrativa: *A insustentável leveza do ser*, o romancista e também teórico literário tcheco Milan Kundera elabora toda sua teoria sobre o romance moderno.

Essa obra, cujo título já revela o paradoxo existente em nossas vidas, descreve as incertezas do destino e os enigmas existencialistas na vida de quatro personagens: Tereza e Tomas, Sabina e Franz que são descritos por um narrador-escritor. As indagações suscitadas ao longo do enredo dão face a uma realidade conturbada e repleta de dúvidas, os padrões fechados das formas épicas do passado já não mais têm espaço nesse novo mundo



na qual a arte realiza seu papel de representar essa busca pelo preenchimento da integridade do ser.

As relações humanas se constroem sobre acasos universalistas que podem ou devem causar mudanças de rota na vida de qualquer pessoa, os ápices de força e fraqueza coexistem com os momentos de peso e leveza da existência humana, e estas efervescências do real não podem ser comandadas ou ordenadas pelos indivíduos ou pela sociedade, como prescrevia as grandes epopeias clássicas. O triunfo ao final pode não acontecer, o herói pode sucumbir ao primeiro obstáculo, o diálogo poder não mais existir, convertendo-se em monólogos interiores de caráter crítico no que tange as ondas de sentimentos que o homem é capaz de enfrentar.

A obra *A insustentável leveza do ser* foi publicada em 1982, descreve os conflitos internos relacionados ao difícil desafio de viver. A história se passa em Praga inicialmente, porém, o enredo é nutrido de uma busca física e psicológica por lugares e respostas que nunca vêm. A forma desse romance ultrapassa qualquer manual literário antigo, sustentada por outras artes e outros gêneros que se completam e ajudam a modernidade entender que o ser nunca é uma coisa apenas, e que a complexidade, a ambiguidade e o inacabamento são comuns a todos os indivíduos e comunidades.

Como Kundera (1988, p. 61) aponta que o romance em sua composição “é capaz de integrar a poesia e a filosofia sem perder por isso nada de sua identidade caracterizada precisamente [...] pela tendência a abranger outros gêneros, a absorver os saberes filosóficos e científicos”. Este é o caráter comunicativo da arte, e o romance moderno possui estas competências de integração e assimilação com maestria e singularidade.

A história é composta em sete partes preenchidas com capítulos que rompem com a cronologia literária ainda em voga, sua ordenação é complexa e não sequencial, reflexo de uma causalidade até mesmo vingativa da existência, o fim do enredo não está ao final do livro, porém, em nada perde na sua capacidade de envolver o leitor na trama e conduzi-lo a questionamentos acerca da realidade e do homem, inicia-se com um primeiro diálogo com a filosofia:



O eterno retorno é uma ideia misteriosa e, com ela, Nietzsche pôs muitos filósofos em dificuldades: pensar que um dia tudo vai se repetir como foi vivido e que tal repetição ainda vai se repetir indefinidamente! O que significa esse mito insensato? (KUNDERA, 2008, p.9)

E se esperar uma introdução clássica aos romances rompe com as expectativas do leitor, as indagações filosóficas debutantes do narrador não lhe trazem respostas, nem possuem este princípio, apenas promovem análises transitivas entre as áreas do conhecimento. O caráter mítico que envolve o pensamento humano conduz os indivíduos a cruzamentos ideológicos no campo da realidade e das verdades e isso demonstra uma nova identidade ao romance moderno.

Se cada segundo de nossa vida deve se repetir um número infinito de vezes, estamos pregados na eternidade como Cristo na cruz. Essa ideia é atroz. No mundo do eterno retorno, cada gesto carrega o peso da responsabilidade insustentável. É isso que levava Nietzsche a dizer que a ideia do eterno retorno é o mais pesado dos fardos. (ibidem, 2008, p.10)

E com estes termos, tem-se o início de uma história repleta de *flashbacks* de representação de uma causalidade imprevisível. Causa e efeito, leveza e peso são alguns dos pares de contrários que regem a vida das personagens Tereza e Tomas; estariam eles fadados a sofrerem as consequências do mito do eterno retorno durante toda a existência? A relação amorosa entre os dois seria uma causa ou um efeito dos sentimentos alheios desses personagens tão conflituosos e inacabados? São apenas questões que sustentam a obra, não há certezas perenes em seu percurso, pois os dois estão em constante busca de determinações sobre si e sobre os outros.

Descrições clássicas físicas ou psicológicas sobre esses personagens seriam desnecessárias e insuficientes, devido ao caráter de incompletude e de transformação que os atinge. Conheceram-se numa cidade da Boêmia, ela garçonne e ele médico, e a partir deste encontro, todas as incertezas de uma relação se intensificaram. Ambos cultivavam vidas singulares, agitadas por suas particularidades e interesses, porém, este amor poderia ser comum, como tantos outros que alimentam os romances e poemas há séculos, mas o seu desenvolvimento não pode ser simples, facilmente explicado. Um provérbio alemão aflige Tomas “*einmal ist keinmal*, uma vez não conta, uma vez é nunca. Poder viver apenas



uma vida é como não viver nunca” (KUNDERA, 2008, p.14), a fragilidade das experiências e das vivências reflete no personagem uma angústia sobre o poder de fazer escolhas e suas consequências nessa vida que presumia ter total controle, mas, o movimento do destino faz reviravoltas que aproximam Tomas e Tereza cada vez mais, ainda que as prerrogativas para um relacionamento sejam intensamente refletidas por ele, como demonstra o trecho sobre seu posicionamento em relação aos seus sentimentos, a infindável análise consciente sobre a existência é uma característica comum ao romance moderno:

Só lhe restava de herança o medo das mulheres. Ele as desejava, mas tinha medo delas. Entre o medo e o desejo, era preciso encontrar um acordo; era o que ele chamava de “amizade erótica”. Afirmava a suas amantes: só uma relação isenta e sentimentalismos, em que nenhum dos parceiros se arrogue direitos sobre a vida e a liberdade do outro, pode trazer felicidade para ambos. (KUNDERA, 2008, p.17)

Como forma de atualização das configurações da realidade, essas interpretações romanescas refletem uma vertente da vida concreta, o idealismo literário converte-se em um realismo existencial que examina o real e fomenta formas ficcionais que partilham de ideologias pertinentes à condição humana moderna. A perspectiva de Tomas sobre o relacionamento não poderia ser a de um herói épico, a perfeição individual ou coletiva já não mais se sustenta nessa nova sociedade, torna-se um reflexo de uma tradição de ordem recente. Bakhtin (2010, p.402) ressalta que para o romance como gênero, o personagem deve mostrar-se como um ser em transformação, como alguém que está evoluindo e aprendendo com a vida. Dessa forma, o caráter de acabado e imutável já não condiz com esta atividade artística da modernidade.

Ian Watt (2010, p.33) discute sobre essas acepções da realidade no romance moderno e acrescenta escrevendo que “tanto as inovações filosóficas quanto as literárias devem ser encaradas como manifestações paralelas de uma mudança mais ampla – aquela vasta transformação da civilização ocidental desde o Renascimento [...]”, assim, não se pode dilacerar ao romance de sua realidade influente. Tomas possuía várias parceiras antes de Tereza chegar em sua vida, porém, não consegue esquivar-se desta prática ainda que



esteja apaixonando-se por ela. Evidentemente, estes conflitos a atingem diretamente e assim, a inquietação reflete-se em ciúmes incontroláveis, como apresentado no trecho a seguir: “Mas o ciúme, domado durante o dia, manifesta-se ainda mais violentamente nos sonhos, que terminavam sempre por um gemido que ele não podia interromper sem acordá-la” (KUNDERA, 2010, p.23).

Dentro desse quadro de imperfeições sentimentais, as ações se mostram falhas e *demasiadamente humanas* por meio das palavras de Nietzsche, o que vale acrescentar a colaboração que Lukács (2000, p.55) faz em sua *Teoria do Romance*, quando afirma que “o romance é a epopeia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática”. A força do romance está em demonstrar o lado da humanidade que o mundo clássico não se permitiu mostrar. E buscando transformações, Tomas e Tereza se mudam para Zurique, porém, a inquietação interior da personagem a faz abandonar o marido e voltar para Praga, como apresenta o trecho:

Havia imaginado que depois do que vivera durante os dias da invasão não seria mais mesquinha, que se tornaria adulta, sensata, corajosa, mas se superestimara. Ela era um peso para ele e era justamente isso que não queria ser. Queria evitar as consequências disso antes que fosse tarde demais. (KUNDERA, 2008, p.33)

Munido destes conflitos, Tomas põe-se a refletir sobre os imperativos que a vida lhe coloca a frente e questiona-se se realmente possui liberdade de fazer escolhas que lhe sejam benéficas ao longo do trajeto. E como veículo dessas metáforas existenciais, o romance se comunica com a música, outra arte de expressão tão intensa. E por meio de uma alusão à composição de Beethoven na qual anunciava o trecho “Tem que ser assim” (*Es muß sein* em alemão) composta por notas graves e rápidas, assim, numa mescla de oposições filosóficas e elementos musicais, Tomas se colocava diante de um impasse comportamental, sentia o peso da decisão e da imposição do destino em relação aos seus desejos e atitudes.

Para que o sentido dessas palavras ficasse absolutamente claro, Beethoven escreveu antes do último movimento as palavras: “Der schwer



gefaßte Entschluß” – a decisão gravemente pesada. A alusão a Beethoven era para Tomas um meio de voltar a Tereza, pois fora ela quem o forçara a comprar os discos dos quartetos e das sonatas de Beethoven. (KUNDERA, 2008, p.37)

Esse diálogo filosófico com a expressão artística musical torna-se uma ferramenta de expressão interior que o romance moderno apenas adota como parte de si, a composição da música era o que o personagem sentia, o peso da nota é apenas uma metáfora ao que experimentava Tomas, nesse momento de tomada de decisão que acarretaria em total transformação em seu destino novamente, porém, era consciente dos efeitos desta nova mudança. A *decisão gravemente pesada* anunciada por Beethoven atingia este herói romanesco, que não tem certeza de mais nada, não sabe como agir, o que fazer. O próprio Kundera (1988, p.81) explica esse recurso estilístico de utilizar-se da música para expressar aquilo que só as palavras talvez não fossem suficientes.

Mais uma grande lição da música. Cada passagem de uma composição musical atua sobre nós, queiramos ou não, através de uma expressão emocional. A ordem dos movimentos de uma sinfonia ou de uma sonata foi determinada, em todos os tempos, pela regra, não escrita, da alternância dos movimentos lentos e dos movimentos rápidos, o que significava quase automaticamente: movimentos tristes e movimentos alegres.

E a literatura e em especial o romance se beneficiam amplamente desse recurso poético, ser capaz de comunicar-se com outras artes dessa maneira, o faz evoluir e desenvolver-se de forma inesperada para as teorias literárias. A capacidade de expressão desses recursos pode conduzir o romance a formas estruturais que surpreendam o leitor acostumado a modelos rígidos de interpretação e representação da realidade, como pontua Vieira (2007, p.9) em seu artigo sobre esta comunicação da literatura com outras artes por meio do diálogo temático e até mesmo estrutural:

O que sobressai, no entanto, a partir do cruzamento e das relações entre o texto literário, as demais artes e a cultura das mídias parece apontar para novos modos de representação do mundo, bem como para uma nova posição do sujeito frente a uma sociedade saturada de imagens e pautada pela velocidade da informação em fragmentos.



Estes percursos formativos em que o romance segue têm sido apresentados como elementos de nutrição para as novas composições, a instabilidade humana faz parte do núcleo da narrativa moderna. A dinâmica da sociedade se traduz dentro da produção literária através de reflexos da realidade que sustentam as tramas e os enredos dos romances. No caso específico de *A insustentável leveza do ser*, a preservação de um fato histórico muito importante ao mundo, em especial ao povo tcheco que sofria com as invasões russas e a força socialista que atingia o país lhe causando danos irreparáveis passa a ser um objetivo colaborativo para a história. Dessa maneira, demonstrar os elementos da guerra foi apenas um elemento desta narrativa, que não tem como objetivo ser configurado como romance histórico, os acontecimentos na antiga Tchecoslováquia configuram-se como um plano de fundo para a saga amorosa das personagens. Refletindo sobre o elemento histórico neste enredo, novamente, buscou-se a comunicação com outras artes, com destaque à fotografia. Tereza aventurou-se a fotografar os efeitos das invasões russas e estes fatos são pontuados na obra pelo narrador: “Os fotógrafos e cinegrafistas tchecos compreenderam a oportunidade que lhes era oferecida para fazer a única coisa que ainda podia ser feita: preservar para o futuro distante a imagem da violação” (KUNDERA, 2008, p.68).

As formas de composição do romance são discutidas dentro da própria narrativa de Kundera (2008, p.54) ao discutir esses elementos literários e sua recepção por parte do público, pois, segundo o autor, a condição romanesca não pode significar ao leitor uma “coisa inventada”, “artificial” ou “sem semelhança com a vida”, visto que as vidas humanas seguem caminhos similares aos tratados pelo romance. E acrescenta ainda, defendendo que as vidas humanas “são compostas como uma partitura musical. O homem, guiado pelo senso da beleza, transforma o acontecimento fortuito [...] num motivo que mais tarde vai se inscrever na partitura da vida”. A sequência de acasos do destino que a história de Tomas e Tereza apresenta, é de certa forma, um possível ficcional que não significa, necessariamente, possuir um caráter idealista em sua composição, mas que representa uma realidade humana complexa.



Ativar a imaginação do leitor, na criação de imagens, ideais, sonhos e desejos transpostos da realidade para a ficção é uma atribuição ao romancista, por ser uma necessidade humana latente de estar além de seus limites físicos para viver outros enredos diferentes de sua própria vida, idealizar o sucesso sentimental e sonhar com as possibilidades dos eventos.

Além de eloquentes, esses sonhos eram belos. Esse é um aspecto que escapou a Freud na sua teoria dos sonhos. O sonho não é apenas uma comunicação (às vezes uma comunicação codificada), é também uma atividade estética, um jogo da imaginação, e esse jogo tem em si mesmo um valor. O sonho é a prova de que imaginar, sonhar com aquilo que não aconteceu, é uma das mais profundas necessidades do homem (KUNDERA, 2008, p.60).

E como uma necessidade para o homem, este mundo imaginativo carece de elementos que surgem das experiências do outro, os dramas alheios servem para fazer repensar as próprias angústias. O narrador declara que “o drama de uma vida sempre pode ser explicado pela metáfora do peso. Dizemos que temos um fardo nos ombros (KUNDERA, 2008,p.121)”. Portanto, estes opostos, peso e leveza do ser refletem esta incrível jornada sentimental em que o indivíduo é posto, suas aspirações estarão refletidas em suas produções, e evidentemente, serão percebidas de forma agradável ou sofrida segundo a conduta individual. E a imaginação possui papel imprescindível nesta busca pela integridade e completude do ser que se constrói entre o ideal imaginativo e o real concreto. Assim, “o romance é o lugar onde a imaginação pode explodir como um sonho e que o romance pode se libertar do imperativo aparentemente inelutável da verossimilhança” (KUNDERA, 1988, p.19-20).

Refletir sobre a existência é uma condição *sine qua non* para o romance bem produzido, a característica de semelhança com a realidade torna-se uma parte do processo de produção, mas que deve ser suscitado pela descrição, seu caráter questionador revela-se como o primordial. Kundera (1988, p.38) afirma que “não apenas a circunstância histórica deve criar uma nova situação existencial para um personagem de romance, mas a história deve em si mesma ser compreendida e analisada como situação existencial”.



O enfrentamento de Tomas diante do sistema político de seu país fez com que renunciasse a sua carreira de médico, as tentativas de fortalecer seu relacionamento com Tereza o levou a uma cidade pequena, trabalhou como limpador de janelas e depois como motorista de caminhão, e se sempre buscou a leveza da vida e da falta de compromissos de ordem sentimental e política, sente agora o peso das transformações interiores, pessoais e até mesmo nacionais que o fazem um novo ser em construção, não mais o objeto estático e previsível do começo da narrativa.

Tereza, ao contrário, desde o início da relação agiu em todos os momentos, buscou um amor em resposta ao seu, procurou entender o marido infiel, o acompanhou nas mudanças ao exterior, o abandonou quando crê não mais poder colaborar com ele, e ao final de todos estes enfrentamentos, pôde sentir por um instante a leveza de seus sentimentos e a correspondência a todas as suas tentativas de fazer daquela relação um evento durável e feliz até o momento da morte prematura do dois em um acidente com o caminhão com o qual Tomas trabalhava.

Se o final do casal mereceu um sentimento de piedade e de perda por parte dos leitores, a conduta das personagens e todo o sofrimento e renúncias de ambos durante o percurso exigem reflexões filosóficas complexas sobre o ser, sobre o destino, sobre as relações humanas e sobre a vida.

A unicidade do “eu” se esconde exatamente no que o ser humano tem de inimaginável. Só podemos imaginar o que é idêntico em todos os seres, o que lhes é comum. O “eu” individual é o que se distingue do geral, portanto o que não se deixa adivinhar nem calcular antecipadamente, o que precisa ser desvendado, descoberto, conquistado no outro (KUNDERA, 2008, p.194).

Nessas possibilidades de composição do romance moderno, esta característica fundamental relacionada à situação de um indivíduo, que é questionada, explorada e transposta ao mundo da ficção, mas que possui a capacidade de corresponder à condição de várias outras pessoas pelo processo de identificação com as personagens. E como as escolhas são condicionadas a um sistema sem voltas, a experiência do outro colabora na formação individual como lembra o narrador-escritor da obra: “a vida humana só acontece



uma vez e não poderemos jamais verificar qual seria a boa ou a má decisão, porque, em todas as situações, só podemos decidir uma vez” (KUNDERA, 2008, p.218).

Sob o peso das escolhas Tomas e Tereza ficaram juntos, longe dos amigos, das amantes, do trabalho e de todo o passado que estas coisas representariam para os dois, e se a jornada foi repleta de decisões radicais e extremistas, algo da vida está por trás desse percurso, a existência humana é o campo das possibilidades, leves ou pesadas não há como prever.

Nunca se poderá determinar com certeza em que medida nosso relacionamento com o outro é resultado de nossos sentimentos, de nosso amor ou não-amor, de nossa benevolência ou de nosso ódio, e em que medida ele é determinado de antemão pelas relações de força entre os indivíduos. (KUNDERA, 2008, p.284)

E através dessa reflexão lançada pelo narrador ou mesmo pelo próprio escritor Milan Kundera em seu romance, pode-se encerrar o enredo desta narrativa moderna que carrega os traços do dinamismo da realidade e dos questionamentos coletivos de nossa sociedade. Relacionamentos e sentimentos foram apenas alguns dos ingredientes desta forma romanesca de pensar a vida e seus alcances sob uma ótica ficcional que explora a história, a filosofia e as expressões artísticas das formas mais autênticas e ricas da literatura contemporânea.

Considerações Finais

Perceber a produção artística em seu valor estético e função social tornou-se um requisito avaliativo imprescindível ao universo crítico literário. E para isso, são necessários elementos basilares que possam sustentar a leitura valorativa, isso significa dizer, que composições artísticas de qualidade possuem características semelhantes que devem ser reconhecidas pelo leitor ou pelo público crítico. E neste intuito, a obra moderna *A insustentável leveza do ser* de Milan Kundera representa um pouco de todas essas qualidades artísticas que fazem de uma produção uma clássica atemporal, adaptável a qualquer época e sociedade.



Portanto, torna-se válido concluir esta análise sobre a composição do romance moderno destacando as contribuições que a obra de Kundera fundamenta-se sobre as novas configurações da escrita romanesca por vários aspectos que sustentam o padrão estético e temático da produção.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas cidades, 2000.
- KUNDERA, Milan. **A arte do romance**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- _____, **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- VIEIRA, André S. **Literatura, outras artes & cultura das mídias**. Revista 34 P&B, Universidade de Santa Maria: PPGL Editores, 2007. Disponível em http://www.ufsm.br/mletras/arquivos/LETRAS/LETRAS_34/revista34.pdf Acesso em 27 Jun. 2012.
- WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

